



# **PERCEPÇÃO DOS MORADORES SOBRE A PAISAGEM URBANA DO BAIRRO CRISTO REI EM CONGONHAS/MG**

*RESIDENTS' PERCEPTION ABOUT THE URBAN LANDSCAPE' DISTRICT OF  
CRISTO REI IN CONGONHAS/MG*

Tatiane Fernandes Matias Pereira<sup>1</sup>  
Bruno Henrique Tadeu Silva Santos<sup>2</sup>

Submetido em: 23/04/2023  
Aprovado em: 25/05/2023

## **RESUMO**

A percepção da paisagem pode ser compreendida de variadas formas. O presente estudo objetivou formar um pensamento espacial crítico sobre o Bairro Cristo Rei em Congonhas-MG em relação aos sentimentos topofílicos e topofóbicos dos seus moradores aos elementos do seu entorno. Para isso, o estudo propôs a realização de um estudo bibliográfico sobre os conceitos relacionados à paisagem, assim como aos que envolvem a percepção ambiental. Além disso, as análises apresentadas se baseiam em reconhecimento espacial por observações dos autores e através de um questionário aplicado de forma aleatória aos moradores, com a finalidade de gerar um entendimento sobre como esses vêem e sentem a respeito do local onde vivem. A importância do estudo é pelo entendimento da paisagem, além dos seus componentes físicos, compreendendo os marcos e os elementos da paisagem mais valorizados pelos moradores, que permite assim, futuramente, a construção de espaços e paisagens mais adequados a este bairro. Segundo os resultados, a Barragem Casa de Pedra estabelece uma relação topofóbica com os moradores e a vegetação presente no bairro oferece sensações de afetividade, relacionada aos sentimentos topofílicos.

**Palavras-chave:** paisagem urbana.percepção ambiental.lugar.topofilia e topofobia.

## **ABSTRACT**

The perception of the landscape can be understood in different ways. The objective of its study can be presented, comprising forms, or forming a critical spatial thinking about the district of Cristo Rei in relation to the topophilic and topophobic feelings of its residents to the surrounding elements. For this, the bibliographic study proposed the realization of a landscape study, as well as the involvement of environmental perception. In addition, how to generate a known place, based on recognition by some authors and through a randomly questionnaire applied to residents, how they are perceived and feeling related to the place where they live. The importance of the study is for the understanding of the landscape, the landmarks and the elements of the landscape most valued by the residents, which thus, in the future, the

---

<sup>1</sup> Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Viçosa - UFV. Docente no curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Santa Rita - Unifasar. Contato: tatiane.pereira@fasar.com.br

<sup>2</sup> Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Santa Rita - Unifasar. Estagiário de Arquitetura na Prefeitura Municipal de Congonhas/MG. Contato: bruno-henrique150@hotmail.com

construction of more designed spaces and landscapes more appropriated for this neighborhood. According to the results, the Casa de Pedra dam establishes a topophobic relationship with the residents and the vegetation present in the neighborhood offers feelings of affection, related to the topophilic feelings.

**Keywords:** urban landscape.environmental perception.place.topophilia and topophobia.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando se fala em percepção da paisagem, a mesma deve ser entendida além do que se vê diante dos olhos. É importante a valorização de outros processos que são envolvidos no ato de perceber, como a construção dos sentimentos topofílicos (positivos) e topofóbicos (negativos) de um indivíduo sobre o meio que o cerca. Ainda, é importante entender que podem existir várias percepções sobre um mesmo objeto, assim como sobre uma mesma paisagem, pois variam de acordo com experiências, interpretações, sensações vividas e sentidas por cada observador.

Portanto, a presente pesquisa propõe a realização de um estudo bibliográfico sobre os conceitos relacionados à paisagem, assim como aos que envolvem a percepção ambiental. Além disso, as análises apresentadas se baseiam em reconhecimento espacial por observações dos autores e através de um questionário aplicado de forma aleatória, com perguntas abertas e fechadas, aos moradores do bairro Cristo Rei em Congonhas-MG. Ele buscou entender quais as percepções da paisagem urbana do bairro, considerando nas respostas a topofobia e a topofilia.

Neste sentido, este trabalho levou em consideração estes conceitos, um deles formulado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan (2012). Os termos são usados para referir aos sentimentos e sensações, sejam elas de rejeição e/ou afetividade, relacionados às características de determinado lugar, já que cada indivíduo tem as suas particularidades na percepção das paisagens. Este estudo considerou que experiências com aspectos comuns, possibilitam a interpretação da vivência e da experiência no lugar. Portanto, a importância dele se dá porque busca compreender muito mais que o aspecto visual da paisagem, mas o valor que ela possui para determinada comunidade.

O bairro Cristo Rei em Congonhas-MG da cidade foi escolhido por ser um bairro em constante crescimento e marcado pela proximidade com a barragem Casa de Pedra, que de certa forma, coloca em risco os moradores do bairro pela possibilidade de rompimento e impacto ambiental.

Dessa forma, busca compreender se a barragem em questão é vista pelos moradores como um marco da paisagem urbana do Bairro? E ainda, quais sentimentos estão relacionados com os elementos da paisagem do bairro?

## **2. O CONCEITO DE PAISAGEM E O SENTIDO DE LUGAR**

As paisagens, sejam elas naturais ou construídas, podem ser lidas a partir de diferentes aspectos, seja considerando apenas os elementos físicos que as compõem, ou levando também em consideração a relação desses últimos com os usuários do espaço, realçando os processos perceptivos e um momento específico. A leitura da paisagem também varia conforme as diversas disciplinas científicas que buscam a sua definição. Ainda, com o passar dos anos foram considerando outras dimensões no entendimento da paisagem, como Escreve Ponte (2019):

A paisagem na geografia, nos seus primórdios como ciência, carregava consigo o teor estético da paisagem pictórica, um certo encantamento com as belezas observadas em diversas partes do mundo. Humboldt e os demais geógrafos alemães, por exemplo, tinham o hábito de ilustrar seus trabalhos com gravuras, acrescentado às descrições objetivas observações pessoais em seus relatos. Afirmava-se, naquele contexto, a ideia de paisagem como vista, apresentando-a acima de tudo como um espetáculo visual, um panorama (BESSE, 2010, p. 265).

A partir do momento em que se assume como a disciplina acadêmica do estudo da paisagem, a geografia tratou de abordá-la como conceito, correspondente, de forma geral, a “porções do espaço relativamente amplas, que se destacavam visualmente por possuírem características físicas e culturais suficientemente homogêneas para assumirem uma individualidade” (HOLZER, 1999, p. 151). O destaque dado à visualidade continuava presente, mas agora com o intuito de valorizar o senso de observação do geógrafo em campo e a sua capacidade em identificar “identidades espaciais” originadas da interface entre homens e natureza. (PONTE, 2019, p.221)

Nesse sentido, alguns geógrafos preferem definir a paisagem apenas como uma ideia de visibilidade do espaço concebido a partir de um ângulo, considerando elementos visíveis em uma parcela do território. Como define também Lacoste (2003) “podemos definir uma paisagem como o espaço geográfico que se pode ver desde um certo ponto” (LACOSTE, 2003, p. 288).

Fortemente influenciados pela geografia alemã, foi de Schlüter e Passarge que tomou o conceito de paisagem cultural e paisagem natural. Desses dois autores, surgiu a concepção de que o estudo da paisagem deve ser restrito essencialmente aos aspectos

visíveis, excluindo assim todos os fatos não-materiais da atividade humana (GOMES, 1996, p. 231; GOMES-MENDOZA, 1982, p. 75).

Mas para outros estudos, as práticas cotidianas, que demonstram o resultado da relação do homem com o meio, devem ser consideradas na definição de paisagem, principalmente aquela construída e modificada pelo homem. Acredita-se que os modos de vida representam a identidade e o aspecto cultural de cada região, e por isso, mudam a forma de percepção do local e conseqüentemente, a descrição de seus elementos. Dessa forma, Tissier (2003) diz que definir a paisagem como um aspecto da área da forma que se apresenta ao observador, é importante precisar os modos de olhar que constituem esse aspecto em paisagem. Dessa forma, esse olhar é, de certa forma, atento e intencional (TISSIER, 2003)

Neste caso, trata-se da ação perceptiva associada à vivência, ou seja, a imagem ou a paisagem é tratada como um momento que varia dependendo da experiência particular de cada indivíduo, em cada situação (BARBOSA, 2010, p.18). Dessa forma, considerando o aspecto intencional, quando a paisagem é descrita por um indivíduo, por exemplo, aspectos cognitivos colaboram para as escolhas do que fará parte daquela paisagem em questão. Considerando essa linha de pensamento, Cullen desenvolveu um conceito de paisagem urbana, na década de 1960, que influenciou fortemente arquitetos e urbanistas justamente por permitir uma análise sequencial e dinâmica da paisagem a partir de uma premissa estética, ou seja, quando elementos urbanos causam impacto emocional. (ADAM, 2008, p.03).

Cullen (1971, p. 11) afirma que “(...) embora o transeunte possa atravessar a cidade a passo uniforme, a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas. É o que se entende por ‘visão serial’”, ou seja, quanto mais a visão das pessoas for estimulada, a paisagem urbana será mais interessante, mais animada, despertando sensações e curiosidade para com o que vier pela frente. Se a paisagem for monótona, não causará grandes emoções, passando despercebida. (DE OLIVEIRA, FERNANDES e STACH, 2006)

Assim, para Cullen a paisagem urbana é a arte de organizar visualmente os edifícios, ruas e espaços que compõem um ambiente urbano. Esse conceito de paisagem urbana, oferece a oportunidade de entender que existe, em várias situações, interação entre ser humano e ambiente urbano, que podem aguçar e despertar a percepção e a consciência à paisagem pelo ato de atenção ao espaço urbano e às suas próprias emoções. (ADAM, 2008, p.66)

Além disso, para o mesmo autor no campo da arquitetura e urbanismo, edifício, espaço e paisagem urbana não podem ser discutidos separadamente, pois

(...) se me fosse pedido para definir o conceito de paisagem urbana, diria que um edifício é arquitetura, mas dois já seriam paisagem urbana, porque a presença entre dois edifícios próximos é suficiente para libertar a arte da paisagem urbana. (CULLEN, 1971, p.135)

Ou seja, entende-se que entre dois edifícios tem-se um espaço definido, onde pode-se criar aspectos relacionais e identitários entre indivíduos e destes com seus espaços. Seguindo essa linha de pensamento, acredita-se que “a imagem ambiental pode ser decomposta em três componentes: identidade, estrutura e significado”. (LYNCH, 2010, p. 09). A identidade tem a ver com as particularidades do espaço. A relação da imagem com o observador ou com outros objetos, é considerada uma relação estrutural ou espacial e por fim, um significado prático ou emocional, que repassa alguma mensagem.

Ainda relacionando a identidade, estrutura e significado, Lynch (2010, p. 53) traz o conceito de marco. Ele enfatiza que na cidade “alguns marcos estão distantes, muitas vezes vistos de múltiplos ângulos e distâncias, acima dos pontos mais altos de elementos menores e usados como referências radiais”. A relação deste grande marco visual com a cidade constitui sua identidade, sua importância na composição imaginária, estabelecendo uma relação espacial com o observador e demais elementos da paisagem. Assim, para o mesmo autor, a condição de imaginabilidade permite-nos construir um mapa, que cria uma junção de memórias, associando tudo a este objeto facilmente reconhecível, no qual “um cenário físico, vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, que desempenha também um papel social” (LYNCH, 2010, p. 05).

Desta forma, um elemento da paisagem urbana para ser considerado um marco, faz assim parte de diversas imagens formadas por diferentes atores espaciais de uma região, nos seus mais variados pontos de vista. Ele passa a ser reconhecido como elemento representativo dentro de uma área. Portanto, em relação ao conceito de identidade, o marco é particular daquela paisagem, pode ser visto de mais de um ponto da cidade, o que estabelece diferentes estruturas espaciais e repassa uma mensagem, seja relacionada à cultura, à política ou até mesmo a forma de se localizar dentro do espaço urbano.

A partir dessa pequena discussão, este estudo considera a paisagem definida como a reunião dos componentes e elementos naturais, ou não, observados a partir de um

determinado ponto terrestre, onde os processos perceptivos e o momento são importantes de serem considerados. Ainda, considera-se que quando essa parte do território sofre um determinado domínio do ser humano, onde ele vive dia a dia, em uma relação em que se influencia por essas paisagens e nesse processo, estabelece vínculos, pode-se denominá-lo de lugar. Há de se compreender que lugar está relacionado à ideia de identidade. Nossa casa, por exemplo, é um lugar com significado de pertencimento e convivência com nossos familiares. Dessa forma, o lugar é a junção da espacialidade com as relações sociais estabelecidas entre seus usuários e os elementos que compõem tal ambiente.

Observa-se então que, nesta perspectiva, o conceito de lugar agrega a ideia de afetividade, sentimentos, que são construídos ao longo do tempo, e no qual atribui-se algum valor. No entanto, constata-se que o lugar é algo que também pode ser dinâmico, movido principalmente pela ação humana, seja ela física através de modificações diretas, ou mental, através da memória, das vivências construídas sobre o lugar ao longo do tempo, demonstrando que a experiência de um indivíduo adulto muito pode interferir em sua percepção em relação aos lugares que têm fixado em sua mente. (DA SILVA e LOPES, 2014, p.05)

Ao se pensar sobre as experiências espaciais que os indivíduos compartilham no meio, dentro da dinâmica socioespacial definida por Santos (1999), as paisagens urbanas podem ser reconstruídas por semelhança, homogeneidade e incorporadas a recortes espaciais e em momentos específicos. Assim, as paisagens são criadas conforme as experiências em comuns que os atores compartilham em tempos e espaços bem definidos. Landim (2004) acrescenta que as paisagens urbanas são o resultado de experimentos no ambiente construído, criando conexões psicológicas que dão sentido por meio de processos cognitivos e perceptivos. Desta forma, as partes móveis da cidade (pessoas, atividade e fluxo) são tão importantes quanto as partes imóveis. Isso significa que a paisagem existe por meio de um processo relacional, pelo qual as pessoas se tornam parte da cidade. (PANTALEÃO, 2014, p.03).

Os bondes e carroças, por exemplo, que em um momento histórico tiveram grande participação na mobilidade urbana e por isso, faziam parte da paisagem citadina em uma época específica, oferecendo um tipo de experiência de locomoção aos seus usuários. Hoje foram substituídos por outros meios. Assim, observou-se mudanças no espaço, conforme as transformações ambientais, culturais e evoluções tecnológicas. Neste caso, mudou-se o modo de se locomover, a relação das ruas com os veículos, das residências que passaram a ter um espaço para o automóvel, até a velocidade de perceber as paisagens dentro de um carro ou de um bonde se transformaram. Portanto, os espaços urbanos, com

o passar do tempo, oferecem aos indivíduos a chance de ter diferentes experiências e, para cada uma, uma imagem diferente da paisagem. Sendo assim, os ciclos onde a paisagem é constantemente reconstruída, é que garante a existência da cidade, pois as estruturas remanescentes são preservadas, como uma referência particular ao local, enquanto os acréscimos representam a transformação da paisagem. (PANTALEÃO, 2014, p.04)

Nesse sentido, Santos (1999) escreve que a paisagem é uma história viva congelada, que se alterna no espaço em função de suas funções e atividades sociais, que são constantemente transformadas. Claval (1999) contribuiu para esse conceito, observando que as formas contemporâneas de organização espacial não podem ser compreendidas sem levar em conta o dinamismo cultural que uma sociedade lhe impõe (DE CASTRO, 2018, p.03). Ou seja, ao buscar entender a construção da paisagem, se revela a estrutura da sociedade e o imaginário social, as crenças, os valores e os sentimentos das pessoas que a constroem, porque estão intimamente relacionados com as marcas deixadas pelas suas experiências espaciais.

Dessa forma, para Tuan (1983) *apud* Landim (2004) a experiência é como as pessoas reconhecem e criam a realidade, onde a compreensão ocorre quando há condições para falar. Dessa forma, as experiências compartilhadas nos permitem interpretar o viver e vivenciar o mundo. Essa abordagem envolve não apenas o controle do aspecto visual, mas também a compreensão do significado e valor da paisagem, o que supõe uma condição de clareza cognitiva. (PANTALEÃO, 2014, p.03). Dessa forma, o exercício de entender como ocorre a experimentação da paisagem é necessário para que se possa reconhecer as suas diversas características, pensar quais são as relações existentes entre os seus componentes e discutir as suas funções.

### **3. A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM, CONSIDERANDO AS SENSACIONES TOPOFÍLICAS E TOPOFÓBICAS**

De forma geral, a percepção pode ser entendida como resultado dos estímulos captados pelos sentidos básicos humanos (olfato, paladar, visão, tato, audição), a partir da interação, movimento do indivíduo, em um processo de reconhecimento de um espaço. Ainda, estes sentidos se relacionam com outros fatores de interferência ou filtros como a memória, a cultura, a personalidade e sentimentos para a criação de recortes da realidade de cada indivíduo.

Portanto, o conceito de percepção é compreendido tanto como uma experiência exclusivamente sensorial do indivíduo quanto como uma experiência caracterizada pelo conjunto de informações e valores que o indivíduo dispõe sobre o ambiente. Enquanto uma teoria da percepção enfatiza a primeira definição, outras teorias enfatizam a segunda. (REIS; LAY, 2006, p.23)

Dessa forma, seja pela idade, sexo, cultura ou estrutura social, por exemplo, cada percepção se torna particular. O filósofo Merleau-Ponty (1962) argumenta que a percepção humana incorporou os significados dos sentidos que constituem a experiência do mundo vivido e nada mais é que uma relação diária do corpo com o mundo. Em suas palavras, “é o corpo e o seu movimento que proporcionam a percepção do mundo, e une o mundo à minha experiência corporal” (MERLEAU-PONTY *apud* AMORIM, 2013, p.48). E mais, “Eu descobro as coisas como a esquerda e a direita, o alto e o pequeno, tudo com base na minha orientação, na qual o meu corpo ocupa o ponto zero” (MORAN *apud* AMORIM, 2013, p.48). Para esclarecer a sua opinião, o filósofo trabalha com o exemplo de um cubo, que para ser entendido como um objeto de seis faces iguais, exige do observador se mover ao seu redor, tendo assim uma experiência de estágios sucessivos, que ao final, quando estes são conectados e interpretados tem-se uma ideia de um todo do objeto.

Assim, o homem recebe estímulos do ambiente pelos seus sentidos e a partir do seu deslocamento no espaço, passa a ter assim, consciência da realidade, conhecendo o ambiente e os eventos que nela acontecem. É a partir desse processo de aprendizado, de reconhecimento e de memorização, que os indivíduos criam suas próprias imagens espaciais. Essas imagens por vez, são necessárias para a sua orientação espacial. As informações captadas são organizadas em uma estrutura coerente pelos seus sentidos e memórias. Cada elemento tem o seu significado e pode ser descrito nesse recorte da paisagem particular, conforme as preferências e percepções de cada um. Como confirma Addison (2003, p.43): “A imagem da cidade é muito diversificada e cada percepção é uma particularidade. A imagem é uma superposição de objetos que se aglomeram de forma decisiva.”

Ademais, considerando então, que o meio está em constante transformações, o que interfere diretamente no processo perceptivo e na formação de imagens da paisagem por cada indivíduo, Tuan (1983) refere-se à percepção como sendo: “A resposta aos estímulos externos, como a atividade proposital no qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”. Sobre esse

processo de memorização, pode-se afirmar que conforme o que se vivencia no cotidiano, a memória vai reservando experiências e sensações no pensamento, que ajudarão na formação de valores, significados as imagens futuras. Assim, o processo de percepção relaciona a experiência cognitiva cumulativa, que por hora pode estar bloqueada, àqueles atributos ambientais que estão ali disponíveis no ambiente físico para serem reconhecidos. Machado (2002) também escreve sobre percepção e a descreve nessa mesma linha de pensamento:

(...) Todos os tipos de experiências, desde os mais estreitamente ligados com o nosso mundo diário até aqueles que parecem remotamente distanciados, vêm juntos compor o nosso quadro individual da realidade. A superfície da Terra é elaborada para cada pessoa pela refração por meio de lentes culturais e pessoais, de costumes e fantasias. Todos nós somos artistas e arquitetos de paisagem, criando ordem e organizando espaços, tempo e causalidade, de acordo com nossas percepções e predileções. (MACHADO, 2002, p.99)

Assim, as imagens são as representações individuais de cada paisagem, de cada realidade, de acordo com os elementos que são relevantes e reconhecidos por cada indivíduo naquele momento. Nesse sentido, Okamoto (2002) defende que a realidade é percebida tanto pela objetividade, como também pela subjetividade e o ser humano passa a perceber esses valores a partir de um desses sentidos e/ou pela combinação entre eles. Para o mesmo autor, além dos cinco sentidos comuns e de interface com a realidade, existem os sentidos internos mentais, os quais ele os relaciona em seis categorias, numa visão ampliada do processo perceptivo.

A primeira categoria se refere ao sentido perceptivo, representado pelos cinco sentidos humanos. A segunda categoria se refere ao sentido espacial, aos movimentos cinestésicos, à necessidade de se mover dentro do espaço para se ter noções como equilíbrio e gravidade. O terceiro sentido é o proxêmico, que estabelece a relação entre o privado/ público, o espaço pessoal de indivíduos num meio social; é exemplo de proxêmica o fato de que um indivíduo que encontra um banco de praça já ocupado por outra pessoa numa das extremidades tende a sentar-se na extremidade oposta, preservando um espaço entre os dois indivíduos. A quarta categoria é nomeada de sentido-pensamento, o qual permite ao indivíduo ter o entendimento do que o autor chama de sentido de abdução, o símbolo, mito, metáfora, estética, poesia, enredo ligados a determinado elemento físico; ou ainda, nessa mesma categoria, entender a partir do sentido da compleição, dentro da lei da polaridade, cor, geometria, proporção, ritmo, escala, balanço, forma, leveza, textura. A quinta categoria se refere ao sentido da

linguagem, a não verbal, referente a gestos e linguagens corporais. E a última, é o sentido do prazer, da capacidade de despertar alguma ligação afetiva. (OKAMOTO, 2002).

Considerando, portanto, essa última categoria, “constata-se então que a percepção ambiental está intimamente associada ao conceito fenomenológico de lugar, quer individual ou coletivo, pelo modo como os sujeitos lhe atribuem significados e deixam aflorar sentimentos e valores.” (DA SILVA e LOPES, 2014, p.7). Nesse sentido, entende-se por lugar, um espaço compreendido além da sua funcionalidade, mas um local percebido e repleto de valores e significados para alguém. Assim, conforme as experiências e vivências em um espaço, o processo perceptivo pode permitir o surgimento de sentimentos para com o lugar, podendo este ser de afetividade (topofilia) ou ainda de rejeição, denominado (topofobia).

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1983, p. 107).

Para melhor exemplificação, toma-se como exemplo uma cidade com forte proteção de seus bens patrimoniais, aqueles naturais e edificados, recebendo visita pela primeira vez por um grupo de indivíduos. Cada um repara e valoriza algum elemento da paisagem da sua forma, faz ligações entre os componentes do espaço físico, que o cerca, a uma ou mais imagens relacionadas, guardadas em suas memórias. Basta atentar-se às diferentes fotografias que podem surgir entre os visitantes, as quais revelam os diversos olhares, paisagens criadas e predileções dos observadores, pois para eles, cada ângulo escolhido ou combinações entre os elementos da fotografia tem algum sentido. Nesse caso, ainda é possível mencionar que a percepção apreendida pelo visitante é diferente do morador da localidade, considerando o mesmo espaço de interação, pois as experiências desse último grupo, naquele local são mais constantes e carregadas de outros valores. As autoras Scocuglia, Chaves e Lins (2006) escrevem a respeito:

Convém ressaltar que a percepção mental apreendida pelo indivíduo, suas avaliações e preferências sobre o ambiente, de caráter subjetivo, mas também sociocultural, não representa toda a cidade, mas indivíduos que compartilham situações semelhantes no tempo e no espaço, que vivenciam as mesmas

experiências perceptivas e que por isto tendem a formar imagens mentais semelhantes. Para Kevin Lynch, “parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de muitas imagens individuais” (SCOCUGLIA, CHAVES & LINS, 2006)

Portanto, as características da paisagem, por exemplo, podem ser interpretadas da mesma forma por pessoas diferentes, mesmo com valores e experiências diversas. Nesse sentido, a legibilidade urbana, defendida por Lynch (2010), consiste na identificação de elementos que possam caracterizar, através de análises, a percepção de um determinado local do espaço construído, entendido como o resultado de uma imagem coletiva da cidade. (FRANCA *et al.*, 2019, p.67)

Ainda, Holzer (2003, p.120) esclarece bem essa questão quando escreve que “Além do espaço pessoal, existe a experiência grupal do espaço, onde é vivida a experiência do outro. É o que os fenomenologistas chamam de intersubjetividade [...]”. Essa partilha de sentidos, experiências e conhecimentos "entre sujeitos" é possível por existir por “(...) certa identificação coletiva com o meio, por pertencerem, por exemplo, a um mesmo grupo social que compartilha interesses em relação ao lugar” (DA SILVA e LOPES, 2014, p.7). Nesse sentido, é possível inferir sobre, por exemplo, a relação de afetividade presente entre as populações que vivem em locais inadequados ambientalmente, como por exemplo, a própria comunidade do Bairro Cristo Rei, objeto de interesse deste estudo. Possivelmente, a relação de familiaridade com o lugar é um dos motivos que faz com que vivam na área, mesmo conhecendo os riscos que a Barragem Casa de Pedra oferece.

#### **4. SOBRE O BAIRRO CRISTO REI EM CONGONHAS-MG**

Para se obter uma melhor compreensão da paisagem urbana, além do entendimento das percepções, imagens que elas geram, se faz necessária um estudo geral dos seus elementos, bem como entender sua evolução histórica. Só então pode-se tentar entender as razões que modificaram e produziram as paisagens urbanas.

Nesse sentido, o bairro Cristo Rei fica localizado a oeste na cidade de Congonhas/MG, na região do Dom Oscar. A região citada apresenta infraestrutura conforme a demanda, apresentando variedade em oferta de equipamentos urbanos. Assim muitos não precisam se deslocar dali até o centro da cidade para resolverem determinados assuntos. (FIG. 01)



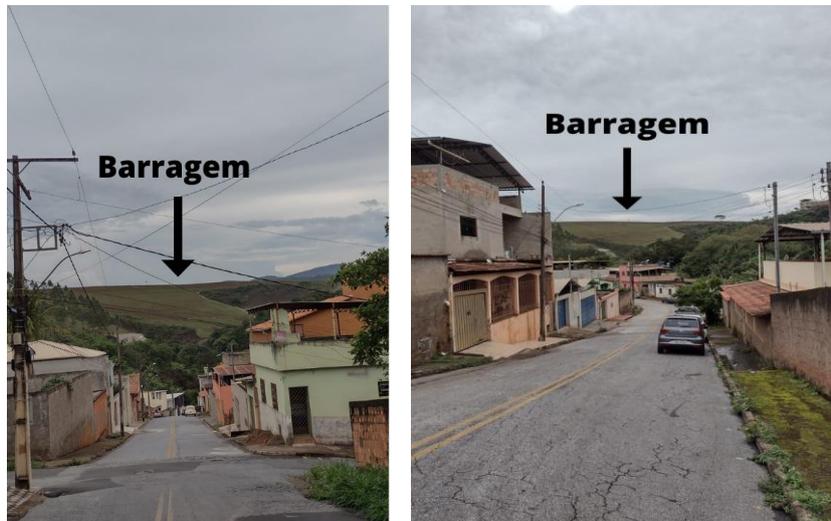
Figura 01: Vista aérea da barragem Casa de Pedra, da região Dom Oscar e demarcação do Bairro Cristo Rei em Congonhas. Fonte: *Google Earth*, modificado pelo autor, 2022.

A construção do bairro Cristo Rei se iniciou em 1981, demandada pelo prefeito da cidade na época. O terreno do local era formado por uma antiga cascalheira (local de garimpo), sendo posteriormente um promissor local de expansão para a cidade. O bairro foi nomeado assim, pois havia sido contratado pela administração pública uma empresa de terraplanagem, para as obras que seriam realizadas no local, cujo nome era Cristo Rei, por achar o nome simpático, o ex-prefeito nomeou o bairro dessa maneira.

Sobre a leitura espacial urbana, Kevin Lynch (2010) afirma que, “[...] as imagens do meio ambiente são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio. O meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador - com grande adaptação e à luz dos seus objetivos próprios – seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê.” Assim, ele defende que a paisagem urbana é formada por elementos básicos, sendo eles: vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes. Considerando estas definições e o espaço urbano do bairro Cristo Rei, percebe-se edifícios ou casas de na grande maioria 2 pavimentos, ruas bem largas e asfaltadas, calçadas estreitas, mas relativamente bem cuidadas, alto trânsito de pedestres e veículos, comércios locais. Além disso, é perceptível a poluição sonora, visual principalmente do ar, por existir uma maior concentração de poluentes, advindo principalmente da atividade mineradora. As características mais marcantes, que prevalecem na paisagem do bairro analisado, são as massas d’água (barragem casa de pedra), vegetação (arbustos e árvores), morros e o Rio Maranhão. Estes também acabam se tornando também limites no bairro, por se estabelecerem como barreiras tanto visual, como espacial.

Conforme os resultados do questionário aplicado aos moradores do bairro, daqueles que aceitaram responder, o elemento ambiental mais citado foi a Barragem Casa de Pedra. Ela foi mencionada por 18 dos 35 entrevistados. Lembrando que as outras respostas foram variadas e por isso, ela foi considerada a maior menção. A mesma também foi o elemento da paisagem topofóbica mais mencionado, por 13 entrevistados, sendo a maioria das justificativas apresentadas por esta escolha, a poluição advinda da atividade de contenção de rejeitos e a preocupação com o seu possível rompimento.

A barragem pode ser vista visualmente por várias partes do bairro, fato que é favorecido pela topografia de onde as edificações são implantadas. Como a barragem tem uma altura considerável e a maioria das ruas estão em declive, possibilita que a visão da edificação em um platô mais alto, seja liberada para esse elemento, por a residência vizinha estar em um nível mais baixo em direção à barragem. Através das ruas Sybilla Maria Schwuerber e Alfredo Félix Meijon, por exemplo, as vias que estão em evidência nas imagens abaixo, é possível observar uma das vistas que alguns dos moradores do bairro Cristo Rei têm da Barragem Casa de Pedra (FIG. 02 e 03).



Figuras 02 e 03: Vista da barragem casa de pedra respectivamente das Ruas Sybilla Maria Schwuerber e Alfredo Félix Meijon. Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

As paisagens topofílicas mais lembradas em geral foram as vegetações naturais ao redor do bairro, incluindo ipês e eucaliptos presentes nos morros, além das ruas largas, que oferecem sensações agradáveis de passagem e de segurança, segundo os moradores.

Através das ruas Av. Iracema Teixeira da Silva e Joaquim Rezende Barbosa (Figuras 04 e 05), é possível perceber as imagens citadas pelos habitantes do bairro e por qual motivo foram consideradas topofílicas. As vegetações ao redor do bairro são bem

marcantes e as ruas e calçadas são relativamente largas, limpas, principalmente por consciência dos moradores de mantê-las dessa forma.



Figura 04: Rua Joaquim Rezende Barbosa. Figura 05: Vista da serra da Av. Iracema Teixeira da Silva.  
Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Dessa forma, considerando que o questionário abrangeu as percepções de vários moradores, que vivem em diferentes regiões do bairro, ou seja, que “enquadram” diferentes paisagens no dia a dia, ainda sim a barragem foi a que mais se destacou como elemento marcante das paisagens. Além disso, para a maioria ela está mais relacionada aos sentimentos topofóbicos. Vale ressaltar que mesmo com o entendimento dos riscos que este elemento oferece aos moradores, eles continuam convivendo no bairro e caberia outros estudos para entendimento do que os fazem querer continuar nesses espaços. Como visto na revisão bibliográfica, uma das hipóteses pode ser a questão da identificação com o local, com os vizinhos e outras características do bairro. Além disso, podem também ter segurança de viver no local, devido às ações da administração pública para garantia de tal. Ainda, um outro motivo poderia ser a falta de recursos para ir para outro local.

Para conhecimento, foi criado um PMSB (Plano Municipal de Segurança de Barragens) por parte da prefeitura municipal em conjunto com a empresa mineradora responsável, além da instalação de sirenes de emergência e de simulados de evacuação dos moradores para pontos de encontro, em caso de rompimento. O objetivo é promover a máxima segurança para as comunidades que convivem diretamente sob os riscos e influências desta estrutura. Nesse sentido, deve-se destacar também a crescente tomada de conscientização de profissionais envolvidos com o meio ambiente e planejamento urbano, em reabilitar e valorizar áreas até então degradadas ambientalmente, pensando em melhoria da qualidade de vida e preservação da identidade cultural local. É nesse viés

que se encaixa a barragem Casa de Pedra, considerada em sua maioria como a paisagem mais topofóbica pelos entrevistados. É importante perceber que ações estão sendo feitas no sentido de reduzir os sentimentos de insegurança e desinformação, além da garantia de preservarem a identidade consolidada no bairro.

É bom destacar também, que para alguns dos respondentes, a vegetação acaba “camuflando” o perigo que a barragem representa, mas ainda assim, a maioria relaciona o elemento com sentimentos negativos, como de medo e insegurança. Além da vegetação que cobre o talude da barragem, outras ao redor do bairro são lembradas nas respostas como algo que identifica o bairro. São mencionados sentimentos como agradável, relaxante e tranquilidade. Ademais, os respondentes conseguem perceber as transformações da paisagem, pela ação do homem e muitas das respostas relembram de espaços verdes, que eram usados anteriormente da barragem principalmente, como área de descanso e lazer pela população local. Ou seja, são esses espaços que devem ser valorizados nas intervenções a serem propostas no bairro.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, pôde-se constatar a partir dos questionários sobre as análises topofílicas e topofóbicas dos moradores do bairro Cristo Rei em Congonhas/MG, que a vista da barragem casa de pedra é o elemento da paisagem mais desagradável para os habitantes entrevistados e as vegetações naturais presentes ao redor do bairro compõe os elementos da paisagem mais topofílicos.

Vale ressaltar que o entendimento do bairro Cristo Rei através de sua paisagem urbana, apresentou diversos sentimentos (topofílicos e topofóbicos), visto que o conhecimento de um bairro varia de habitante para habitante. As respostas dependiam do que cada um procurava: estética, tranquilidade, segurança, saúde. Todavia, cada entrevistado apontou ter uma visão marcante, que mesmo sofrendo a referência da atividade mineradora, apresentou um relato constante do bairro Cristo Rei.

Ainda, há de se lembrar que as paisagens urbanas não são imóveis, mas sim, modificadas quase que cotidianamente, a fim de suprir as exigências da sociedade e do local. Dessa forma, as paisagens topofílicas e topofóbicas do presente não podem ser as mesmas do futuro, sendo assim, o que é agradável hoje, pode ser preterido no amanhã e vice-versa.

## REFERÊNCIAS

ADAM, R. S.. Analisando o Conceito de Paisagem Urbana de Gordon Cullen. In: **da Vinci**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-68, 2008. Disponível em: <<https://estudanteuma.files.wordpress.com/2013/04/gordeon-cullen-cc3b3pia.pdf>>. Acesso em jun. de 2022.

ADDISON, Ester Eloisa. A Percepção Ambiental da População do Município de Florianópolis em Relação à Cidade. 2003. 152p. **Dissertação** (Mestre em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86146/192967.pdf?sequence=1&>>. Acesso em jun. de 2022.

AMORIM, P.. Fenomenologia do espaço arquitetônico: Projeto de requalificação do Museu Nogueira da Silva. 2013.180p. **Dissertação** (Mestrado em arquitetura). Universidade da Beira interior, Covilhã, Portugal, 2013. Disponível em: <<http://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1925>>. Acesso em jun. de 2022.

BARBOSA, A. C. de M. A. Imagens, paisagem e situação: análise visual da orla da praia de Boa Viagem. 2010. 200p. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <[https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3034/1/arquivo217\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3034/1/arquivo217_1.pdf)>. Acesso em jun. de 2022.

BESSE, J.. Le paysage, espace sensible, espace public. **Meta: Research in hermeneutics, phenomenology, and practical philosophy**, v. II, n. 2, p. 259-286, 2010. Disponível em: [http://www.metajournal.org/articles\\_pdf/259-286-jm-besse-meta4-tehno.pdf](http://www.metajournal.org/articles_pdf/259-286-jm-besse-meta4-tehno.pdf) Acesso em: nov. 2018.

CLAVAL, p. A Geografia cultural. Florianópolis: UFSC, 1999.

CULLEN, G.. **Paisagem urbana**. Trad. Isabel Correia e de Carlos de Macedo a partir da edição de 1971. Lisboa: edições 70, 1971

DA SILVA, G.; LOPES, C. S. Topofilia e Topofobia: Um Estudo da Percepção Ambiental de Alunos do Ensino Médio em Paçandu - PR. In: **CADERNOS, P. D. E.** Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE. CEP, v. 84, 1-24, 2014. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospe/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_4\\_uem\\_geo\\_artigo\\_gerson\\_da\\_silva.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospe/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_4_uem_geo_artigo_gerson_da_silva.pdf)>. Acesso em 11 de jun. de 2022.

DE CASTRO, R. de A. F. R. A Percepção da Paisagem como Saber Geográfico: Uma Contribuição na Formação do Pensamento Crítico. In: **FÓRUM NACIONAL NEPEG DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA, IX**, Caldas Novas, 2018. **Anais eletrônicos**...Goiânia: UFG, p.627-635. Disponível em: <[http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2017/02/ANAIS\\_NEPEG\\_COMPLETO.pdf](http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2017/02/ANAIS_NEPEG_COMPLETO.pdf)>. Acesso em jun. de 2022.

DE OLIVEIRA, J. P.; FERNANDES, D. L.; STACH, C. A paisagem urbana como recurso turístico: um estudo da paisagem edificada de Irati – PR enquanto atrativo turístico. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL TURISMO: RESPONSABILIDADE SOCIAL E AMBIENTAL, IV, Caxias do Sul, 2006. **Anais eletrônicos...**Caxias do Sul. Disponível em:

<[https://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_4/arquivos\\_4\\_seminario/GT09-3.pdf](https://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/arquivos_4_seminario/GT09-3.pdf)>. Acesso em jun. de 2022.

FRANCA, S. F.; CAVALCANTE, C. R. da S.; DE SOUZA, D. C.; OLIVEIRA, F. L.S. de, OLIVEIRA, J. M.; DE LIMA, K. S.S.. Legibilidade Urbana e Lugares Hostis: Análise da Distinção entre as Cidades de Fronteira Guajará-Mirim (Brasil) e Guayaramerín (Bolívia). In: **DêCiência em Foco**. V.3, nº2, 2019, p. 67 – 80.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996

GOMES-MENDOZA, Josefina et al.(orgs.). **El Pensamiento Geografico**. Madrid: Alianza, 1982.

HOLZER, W. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 149-168.

HOLZER, W. **O conceito de lugar na Geografia Cultural**: uma contribuição para a Geografia Contemporânea. Revista GEOgraphia, Ano V, Nº10, p, 113-123, 2003.

LACOSTE, Yves. **De la géopolitique aux paysages**. Dictionnaire de la géographie. Paris: Armand Colins, 2003.

LANDIM, Paula Cruz. **Desenho de paisagem urbana**: as cidades do interior paulista. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

LYNCH, K.. **A imagem da cidade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 227 p.

MACHADO, L.M.C.P.. Paisagem valorizada: A Serra do Mar como espaço e como Lugar. In: \_\_\_\_\_ DEL RIO, V., DE OLIVEIRA, L. (Org.). **Percepção Ambiental: a Experiência Brasileira**. 2 ed. São Carlos-SP: Studio Nobel, 1999. Cap. 6. p.97-120.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4ª ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MORAN, D. **Introduction to phenomenology**, London, New York, Routledge, 2000, p.424. Disponível em:

<<http://www2.arnes.si/~jlozar2/6%20FENOMENOLOGIA%20D%20BOLONJSKI%20PROGRAM/MORAN.pdf>>. Acesso em abr. de 2013.

OKAMOTO, J.. **Percepção Ambiental e Comportamento**: Visão Holística da Percepção na Arquitetura e na Comunicação. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

PANTALEÃO, S. Os Elementos Compositivos da Paisagem Urbana do Quadrilátero Central de Londrina. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA, TECNOLOGIA E PROJETO: Rupturas e Continuidades, v. 1, n. 1. **Anais Eletrônicos...**Goiás: UEG, 2014, p.139-145. Disponível em: <<file:///C:/Users/Cliente/Desktop/4613-Texto%20do%20artigo-13581-1-10-20150716.pdf>>. Acesso em junh. de 2022.

PONTE, P. Ver, ser e estar nas paisagens: trajetórias de um conceito em abertura. In: **GeoTextos**, vol. 15, n. 2, dez. de 2019, p. 217-238. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/33878/20225>>. Acesso em jun. de 2022.

REIS, A. T.L.; LAY, M.C.D.. Avaliação da qualidade de Projetos: Uma abordagem perspectiva e cognitiva. **Ambiente Construído**, Porto Alegre - vol.6, n.3, p.21-34, jun./set. de 2006.

SCOCUGLIA, J. B. C.; CHAVES, C.; LINS, J.. Percepção e memória da cidade: O Ponto de Cem Réis. **Arquitextos**, São Paulo, ano 06, n. 068.07, **Vitruvius**, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.068/393>>. Acesso em 08 de junho de 2016.

TISSIER, Jean-Louis. Paysage. In: **LÉVY, Jacques & LUSSAULT, Michel**. Dictionnaire de la géographie et de l'Espace des sociétés. Paris: Ed. Belin, 2003, pp. 697-701.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 2012.

SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.